

No dia 12 de setembro, o Brasil inteiro comemorou o centenário do nascimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek. O presidente bossa-nova, o desenvolvimentista, o fundador de Brasília, são muitas as formas de adjetivar o ex-presidente que, sem dúvida, marcou a cena política no Brasil. Em entrevista à TV Senado, o senador Artur da Távola fala sobre esse momento importante da história política do Brasil, que foi a passagem de Juscelino Kubitschek pela presidência da República.



ESPECIAL 100 ANOS DE JK

Juscelino Kubitschek

Senador, em pesquisa realizada recentemente para um vídeo que a TV Senado está fazendo para as comemorações do centenário, uma das coisas que foi levantada foi um comentário do pai de JK, no dia em que ele nasceu, em que tinha um compromisso, um encontro com um colega, ele disse: “Não vou poder ir porque acabou de nascer o futuro presidente da república. Eu pergunto: Senador, Juscelino Kubitschek era um predestinado?”

Parecia ser sim. Ele era talvez um obstinado, sem dúvida. Ele tinha muito poucas condições para ser indicado a candidato à presidência da república. Havia uma resistência grande depois da aliança com o PTB, com o João Goulart, e ao mesmo tempo, ele vinha de uma carreira súbita e irradiante como prefeito de Belo Horizonte. Então, ele não estava bem dentro das características dos tabus, das características conservadoras da política brasileira de então. Nada indicava que ele viesse a ser presidente da república.

E nos setores da UDN, setores que desde aquela época já maquinavam golpes militares que acabaram dando no de 64 - e tentaram vários contra Juscelino -, diziam na época que ele não seria candidato, se fosse não ganhava, e se ganhasse não levava. Ele foi candidato, ganhou e levou.

Graças a isso, ele conseguiu fazer um dos poucos e raros períodos completos de governante civil no Brasil. Pois, se observarmos o Brasil, presidentes civis que foram até o fim do mandato desde 1927 até hoje, em plenitude democrática, foram três: JK, FHC e Sarney. Se quisermos tomar por presidentes eleitos - aí não entra civil -, também foram três: o presidente Dutra, o Juscelino e o Fernando Henrique também.

De 1927 a 2002, o Brasil teve três presidentes civis que chegaram ao fim do mandato e três presidentes eleitos que chegaram ao fim do mandato. Fora daí foram governos militares, golpes militares. Uma história muito complexa, razão pela qual nós preservamos em profundidade esses últimos 14, 15 anos de democracia, porque eles são exemplares. Foram exemplares no século 20 e oxalá permaneçam e se estabilizem pelo século 21. Então, no Juscelino havia portanto mais do que a predestinação: a obstinação.

A gente pode dizer que, naquele momento histórico - faziam poucos anos do suicídio de Getúlio Vargas -, de certa forma Juscelino, ele curou esse trauma, digamos assim, essa orfandade em que a nação ficou imersa com o suicídio de Getúlio?

A força, a fama, a importância, o peso, o significado do Juscelino veio claramente muito depois do seu período de governo. Durante o período de governo, o Juscelino não era consagrado, tanto que ele não ganhou as eleições. Foi sucedido pelo Jânio; o candidato dele, o Lott, do partido dele, o general Lott - aliás, uma boa figura -, o general Lott perdeu a eleição para o Jânio.

“Eu nunca vi o Juscelino responder a um ataque. Ele respondia com obra, com trabalho. (...) Ele tinha uma alegria, uma alegria saudável”.

Então, não havia tal respeito, porque a oposição - aquele moralismo do PT é pinto perto do que a UDN fazia - a UDN levantava com vozes tonitruantes, poderosas, talentosas, como Carlos Lacerda, Afonso Arinos, Leomar Baliero, levantavam acusações gravíssimas contra Juscelino, que se dizia que os discursos do Carlos Lacerda pareciam abalar as estruturas do país. E o presidencialismo é um regime muito fraco, porque no presidencialismo uma crise de governo corresponde a uma crise de estado.

Juscelino passou por cima de tudo isso, sempre com um sorriso. Eu nunca vi - eu era jovem nessa ocasião e já estava começando a fazer política como uma pessoa que vinha para a vida política -, eu nunca vi o Juscelino responder a um ataque. Ele respondia com obra, com trabalho. E ele tinha uma característica interessante que falta muito aos políticos brasileiros: ele tinha alegria, uma alegria saudável, serena. Ele irradiava uma confiança no Brasil, um otimismo.

Isso foi o que venceu e ele veio a se consagrar, efetivamente, muitos anos depois; até porque foi perseguido político, e como todos os outros, teve seus direitos políticos cassados. O país acompanhou o quanto ele sofreu no exílio - eu fui exilado político e sei o que é, um exílio é sofrido -, e foi impedido de voltar à

presidência, para a qual ele voltaria seguramente em 1965.

Foram muitos os êxitos de JK, sobretudo no campo econômico, a industrialização, a construção de estradas. Agora, sem dúvida, a construção de Brasília, a gente pode dizer que foi o marco do governo dele e é, realmente, uma coisa que se destaca nessa passagem dele. E como é que foi, nesse contexto, de uma oposição tão qualificada, conseguir uma missão tão ousada quanto construir uma nova capital?

Eu não diria que foi o marco, eu diria que foi um dos marcos. A indústria automobilística, o desenvolvimento econômico, a estabilidade democrática são pontos nos quais ele operou, e Brasília desde logo. Eu acho que o grande segredo de políticos como o Juscelino, é o fato de saber que a política opera na contradição; ela é feita pela evolução, pelo ritmo, pela força interna que lavra dentro das contradições. Então, você repare, o Juscelino não era um homem de esquerda, mas ele chama Lúcio Costa e Oscar Niemeyer para fazer Brasília. Imagine, para a oposição da época, ele chamar dois comunistas, ou homens com pensamentos avançados, para fazer uma capital. E é muito interessante, eles são parênteses.

Eu penso que Brasília é uma cidade comunista. Uma cidade que representa ideais do comunismo e que, como o comunismo não se implantou no Brasil, Brasília ficou com aspectos positivos de uma cidade igualitária que o comunismo prega. Eu não me refiro ao todo de Brasília, isso não foi previsto na época, eu me refiro à concepção. É uma concepção igualitária. Não há grandes diferenças de classes na concepção da cidade.

Aliás, a concepção do Lúcio Costa, eu considero absolutamente genial. Brasília, 40 e tantos anos depois de seu surgimento, é uma cidade com uma qualidade de vida altíssima, exatamente porque o desenho da cidade - à parte da beleza arquitetônica do Niemeyer -, o desenho, a concepção urbana acabou, na prática, por misturar características do capitalismo, sem os excessos brutais do capitalismo. Você não vê arranha-céu em Brasília, não vê um hiper-consumismo desenfreado em Brasília. O capitalismo sem excesso com a visão igualitária do comunismo, sem a chatura de certas cidades

comunistas, que ficaram iguais em nome desse igualitarismo e perderam o contraste, que é justamente o que faz uma cidade ficar rica. Eu venho de uma cidade que é contraste puro, que é o Rio de Janeiro; é só contraste e é cada vez mais contraste.

De maneira que o Juscelino captou a importância de compreender os pólos da contradição, e que a contradição dentro da política, quando compreendida, é ela que faz avançar o processo. O PSD tinha essa sabedoria, sendo um partido conservador em certo sentido, ele sabia que era melhor condicionar o desenvolvimento dentro de uma posição que eles desejavam, do que impedir o desenvolvimento por uma posição reacionária. Ficar com a posição, digamos, da direita absoluta. Não, eles sabiam que não era pelo comunismo, eles queriam até o capitalismo e não o socialismo, que nessa ocasião, encantava a todos nós, a todas as nossas gerações e ainda encanta de certa forma. Mas, naquela época, o socialismo era estatizante. Hoje, se tem uma idéia diferente. A social democracia veio criar posições próximas do socialismo sem ser necessariamente através do estado. Eles tinham essa consciência, essa percepção, o PSD da época.

O Juscelino então, incorpora as contradições, avança. Ele, em todas as áreas, ele concilia para avançar. Na política existem duas formas de conciliação: existe aquela conciliação passiva, que não leva a nada; é aquela conciliação que aparentemente é clássica dos políticos. Mas existe uma conciliação ativa que implica, às vezes, em discordar dos dois lados para obter desta fricção um ponto de avanço. O Juscelino tinha, intuitiva ou intelectualmente, a consciência de que o avanço só vinha da contradição. Ele trabalhou as contradições da sociedade brasileira de uma maneira significativa e foi isso que propiciou o êxito que ele teve no seu governo.

Senador, houve um período em que o país cresceu 7%, em que se chegou a um rompimento com o FMI. Aconteceram efeitos colaterais desse processo, da construção de Brasília. O que marcou mais os efeitos colaterais ou, digamos assim, as vantagens que advêm desse processo todo, de toda essa mobilização que Juscelino empreendeu?

O ato político, talvez até como ato humano, nunca será uma

figura geométrica perfeita. A cada caminho escolhido, aspectos positivos dos caminhos que foram rejeitados para que ele seja escolhido vão ficar a gritar e a voltar; aspectos negativos do caminho, mesmo que ele seja um bom caminho, vão aparecer.

É lógico que todo esse esforço do Juscelino iniciou a inflação no Brasil. É um processo que depois nos acompanhou por 40 anos. Claro que não é o Juscelino o responsável por isso. O Brasil teve dois períodos de crescimento de 7% ao ano. O segundo foi na ditadura militar que, por sua vez, teve como contra-partida não apenas o não controle da inflação - só controlou no período do Castelo Branco - e do inchaço do estado.

O inchaço do estado que veio a ser depois o grande responsável pela dívida que está sendo paga até hoje. Este é o dilema dos políticos que os telespectadores vêm diariamente na discussão política. Crescer, com certa taxa de inflação ou crescer menos, com crescimento sustentável - menor crescimento, porém um grau de estabilidade econômico-monetária mais seguro, mais firme. Este é o dilema do governante.

“Juscelino captou a importância de compreender os pólos da contradição, e que isto, dentro da política, quando compreendida, é que faz avançar o processo”.

O Juscelino saiu desse dilema num período em que crescer, mesmo com inflação, talvez se impusesse para o país; depois corrigia. Tanto é que as primeiras medidas, quando veio o governo militar, foram, de imediato, a correção da inflação. Processo que só seria vencido, efetivamente, no final do governo Itamar, com o Fernando Henrique como Ministro da Fazenda e durante todo o governo do Fernando Henrique - o que é uma contribuição notável ao país.

Agora, qual é a crítica que se faz a esse modelo atual? É que ele freia o desenvolvimento. Então, o país tem que saber medir exatamente se ele se desenvolve aos poucos e com prudência; é o que está em vigor hoje em dia com um crescimento de 1%, 2% ao ano - que já é excelente, aliás -, na contemporaneidade. Nós estamos em 2002, no ano passado, os EUA não

cresceram 2%, o Japão não cresceu, a França não cresceu, o Brasil até que teve um índice de crescimento maior do que estes países, um pouco menor: de cerca de 2%.

Optar por esse caminho, ou então, ao contrário, abrir mão da segurança que traz uma moeda forte e criar processos de desenvolvimento mais acelerados, que podem vir a ser inflacionários, mas que, em compensação, dão mais empregos, diminuem um pouco a tensão social. Isto aí é uma dosagem de equilíbrio que depende de uma grande arte, de uma grande sabedoria do governante.

Juscelino, nesse particular, não parou para pensar, ele investiu. Naquele momento, o Brasil precisava desse desenvolvimento. Muita gente acha até hoje que Brasília, apesar da maravilha que é, não seria necessária ao esforço do país, porque ele poderia ter se desenvolvido com uma inflação menor e, mesmo correndo para o oeste, sempre significou todo esse investimento.

Outros acham que este investimento, indo para o interior do Brasil, gerou naturalmente na sociedade uma tal força, que a sociedade passa a criar pela criação de novos negócios, pela abertura de caminhos econômicos, sobretudo o que o Brasil hoje produz de agricultura é para dentro do seu território, é para o oeste do seu território. E o Brasil é um dos grandes produtores de agricultura do mundo: mais de 100 milhões de toneladas/ano em produção de grãos etc.

Enfim, é muito difícil se saber com precisão - essa é que é a verdade -, qual é o efeito. E a história dos povos se resume entre mais inflação, mais empregos, desafogo e, ao mesmo tempo, inflação, que por sua vez é geradora de dívida e, por sua vez, é geradora de desemprego, de crise social grave, como acontece em vários países. O Brasil, hoje, opta por um caminho prudente: algum desenvolvimento com controle da base monetária e da estrutura econômica do país. É um caminho.

Agora, naquele momento, o Juscelino significou uma sacudida na vida brasileira. Eu nem digo por Brasília, só. Brasília foi apenas gasto. Brasília não significou criação de riqueza - a não ser a posteriore -, mas o investimento que ele fez com o seu plano de metas. Aí sim, o país começou a ter uma resposta econômica de criação de emprego, de indústria,

numa etapa também do mundo e do Brasil, em que estávamos na fase de substituição de importação.

Ou seja, naquela ocasião se pensava que cada país deveria lutar para prover a si mesmo com o máximo de produtividade em todas as áreas. Então, tinha que se prover de metais, de aço, de ferro, de energia elétrica. Hoje em dia, a concepção do mundo é outra. Você precisa é ter os mercados mais baratos para ter dentro do seu território produtos a preços em nível do consumidor. É uma concepção inteiramente diferente. A globalização criou novas etapas, mas sem perda do material nacional, do desenvolvimento produtivo nacional. Então, eu não arrisco, não me considero competente para dizer se foi bom, se foi ruim. Eu diria: foi. E foi uma aventura heróica, bonita.

É preciso ver também o lado estético das coisas, o lado poético. Se criou no Brasil uma saga. Eu me lembro; o Juscelino estava no 4º ano de governo, isso em 1959, exatamente. Havia um descrédito no país. Naquela ocasião, a televisão já começava a existir e o Juscelino pediu uma rede de televisão - não com o quadro negro, mas com esses painéis em que a gente passa aquela folha grande -, e ele foi mostrando ao país o que o seu plano de metas havia feito em 4 anos. No dia seguinte, eu posso responder pelo Rio de Janeiro - mas naquela ocasião os jornais refletiam -, o país acordou com uma confiança em si mesmo formidável. Porque também fortalecer a auto-estima é importante nos governos, porque a tendência da população é sempre ir para a baixa-estima, pois nós, do Brasil, temos um complexo de inferioridade que nos acompanha há tempo, e nem sempre a baixa-estima é a melhor conselheira.

Esse foi um outro aspecto do Juscelino: a certeza da confiança no país. Foi um momento bonito de criação da idéia de confiança no país, que continua necessária. O Brasil é um país notável - eu sou fã incondicional desse país, não por ufanismo -, mas o Brasil realiza uma revolução espiritual, uma renovação de métodos, uma fusão racial, a inexistência de guerras religiosas, um avanço que foi notável nos últimos anos. Um país que cresceu em 80 milhões de habitantes nos últimos 30 anos. E de alguma maneira está conseguindo, com dificuldades, absorver uma parte significativa desse aumento populacional. É um país com riqueza e variedade.

TV SENADO CENTENÁRIO DE JK



2002 é o ano do centenário do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, um dos presidentes da república mais populares da nossa história. Esse mineiro, nascido em Diamantina, governou o Brasil de 1956 a 1961. Sua proposta de governo era o desenvolvimento da economia: “50 anos em 5”. Com esse slogan, JK apresentou ao Brasil o seu plano de metas, o primeiro da história do país. “O grande progresso que se havia feito naqueles anos de Juscelino foi nas técnicas de planejamento para o desenvolvimento. Foi quando se pensou em planos de desenvolvimento. Juscelino foi o primeiro candidato a tentar no Brasil um plano de desenvolvimento”, comentou o escritor Celso Furtado.

O governo estimulou a indústria de bases, criou no Brasil novas siderúrgicas, como a Usiminas e a Cosipa, instalou a indústria automobilística em São Paulo e deu início à indústria naval no país. A ampliação do fornecimento de energia também foi estimulada com a construção das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias. Outro aspecto importante do projeto de Juscelino para o Brasil foi a construção de novas estradas. “Vamos comemorar durante 2 minutos o que era o Brasil quando eu assumi o governo: era um país que tinha apenas 800 Km de estradas pavimentadas. Hoje, já tem cerca de 50 mil. Foi iniciado esse movimento no meu governo”, declarou Juscelino em cadeia nacional.

A determinação e o espírito empreendedor de Juscelino foram decisivos para a concretização do seu projeto mais ambicioso: a construção de Brasília. A mudança da capital do país, do RJ para o planalto central, dividiu a opinião pública na época. Juscelino acompanhou, pessoalmente, as obras da construção de Brasília. Com o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa, venceu todos os obstáculos para cumprir a constituição.

“Toniquinho perguntou-me: Vossa Excelência acaba de afirmar que vai cumprir artigo por artigo da constituição. Sendo assim, Vossa Excelência deve se lembrar do art. 4º, das disposições transitórias da constituição, que estabelece que a capital da república deve ser construída no planalto central. Vai Vossa Excelência construir a nova capital?”

Confesso que, até aquela altura, eu não havia pensado nesse assunto. Mas, quando Toniquinho colocou-me o problema, pensei subitamente, não dei um ou dois segundos de espera e respondi prontamente: Se a constituição exige a construção da nova capital do Brasil, vou respeitá-la e construirei a nova capital do Brasil no planalto central”, relatou JK.

Brasília se tornou realidade e uma das obras mais extraordinárias do ex-presidente Juscelino Kubitschek. No dia 12 de setembro, data em que completaria 100 anos, houve sessão solene no Congresso para homenageá-lo, mas a cidade de Brasília reverencia a memória de seu fundador diariamente.